



Domingues de Azevedo
Presidente da CTOC

Opinião da CTOC | As organizações estão a mudar com o empreendedorismo feminino

Profissionais de salto alto

Portugal é, em muitos aspectos, um país a duas velocidades. A igualdade de género é um dos domínios onde ainda existe um longo caminho a percorrer, por incrível que possa parecer num Estado integrado na Europa civilizada, ocidental e a caminho do "pleno desenvolvimento".

Embora na teoria, ou seja no papel, as diferenças sejam (quase) inexistentes, na prática homens e mulheres permanecem em planos desequilibrados. No "Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades para Todos", pese embora os traços de modernidade e inovação que aqui e ali emergem, continuamos muito agarrados a clichés e estereótipos que rotulam a mulher como o "sexo fraco". Nada de mais errado e anacrónico. Há muito que a mulher deixou de estar confinada à cozinha e à lida doméstica e compete com o homem, embora com armas desiguais, para singrar profissionalmente. As faculdades são hoje "território" feminino e até a sua presença em cursos técnicos já não é tão residual como no passado. A própria profissão de Técnico Oficial de Contas está a transfigurar-se, fruto dessa evolução social e cultural. Os homens, que não há muito dominavam incontestavelmente a profissão, vêem-se agora "ameaçados" com um crescimento assinalável do número de mulheres. Segundo a última estatística disponível, dos cerca de 76 mil TOC, 51,4 por cento são homens e 49,6 são mulheres. Pelo retrato que se faz do número de alunos inscritos nos cursos

de Gestão e Contabilidade, não será veleidade nossa se afirmarmos que dentro de uma década a profissão de TOC será dominada pelas mulheres. E estamos certos, sem menosprezo para os colegas masculinos, a profissão ganhará uma nova dimensão de sensibilidade, fundamental para resolver a multiplicidade de problemas que se nos depa-ram.

Motivos de sobra para a CTOC promover, como aconteceu no passado fim-de-semana, uma conferência, subordinada ao tema "A mulher na profissão", para discutir os problemas e os constrangimentos que afectam a mulher, sobretudo no seu desempenho laboral. O debate foi vivo, enriquecedor e motivante para repetir iniciativas desta natureza, tendo reunido políticos, magistrados, docentes universitárias, portuguesas e estrangeiras, e mais de um milhar de TOC, obviamente.

As conclusões foram diversas, mas é possível resumí-las em algumas linhas de força. Em termos de pontos a rever:

- As mulheres continuam longe dos centros de poder e dos lugares de topo de empresas, administração pública, instituições políticas e até contabilísticas. As remunerações continuam a situar-se abaixo das auferidas pelos homens, mesmo desempenhando funções iguais. Mantêm-se as barreiras naturais ou impostas pelo preconceito social. Veja-se, por exemplo, nos hospitais: quem está no topo? E na comunicação social (apesar das redacções serem em grande maioria femininas)?

Por outro lado, as conquistas femininas já bem evidentes, em certos domínios:

- As organizações estão a mudar com o empreendedorismo feminino. Veja-se o exemplo que nos chega da política. Países da dimensão da Alemanha, na Europa, e do Chile, na América do Sul, têm mulheres na liderança política das respectivas nações. A soberania mais poderosa do universo, os Estados Unidos, pode, no final de 2008, ter uma senhora como inquilina da Casa Branca. Pelo que se extraiu das conclusões da conferência, a guerra dos sexos é um conceito definitivamente ultrapassado. Homens e mulheres devem estabelecer uma relação de complementaridade e não de conflito. Todos, especialmente as profissões, sairão a ganhar com o reforço da lógica concorrencial. Vença-se o preconceito, as barreiras sociais e os estereótipos e as mulheres chegarão ao lugar que merecem, sem a artificial "muleta" das quotas, conciliando a dimensão profissional com a pessoal. Afinal, o Dia Internacional ainda faz sentido, no nosso país. (E eu pensava exactamente o contrário). ▀



Reuters

Vença-se o preconceito, as barreiras sociais e os estereótipos e as mulheres chegarão ao lugar que merecem, sem a artificial "muleta" das quotas, conciliando a dimensão profissional com a pessoa